

NOSSAS NAVES

Livro 27

Escritos Fenícios

Roberto Curi Hallal



© 2018 Roberto Curi Hallal

Produção Editorial
Gilberto Strunck

Capa
Dia Comunicação

Produção gráfica
Dia Comunicação



Roberto Curi Hallal



CADA UM VE

Cada um vê a realidade, a aprecia e a padece de acordo à sua maneira, isto o faz ser singular. A oferta de variedades ficcionais que exaltam o individualismo anula as percepções coletivas, distorcem valores e induzem ao isolamento como um triunfo qualitativo. Esta organização reitera todos os dias, os mesmos estímulos, as mesmas vias de deslocamento, as mesmas consultas, as mesmas informações, as mesmas fontes, vivências efêmeras, registros fugazes, e como resultado somente alcança-se ver muito pouco nesta paisagem comprimida e passageira contida em cada momento presente, englobando os sentires como objetos banais.



AINDA

Ainda espero ver o dia em que os bens imateriais possam ter uma distribuição maior que os bens materiais.

ESQUECIDOS

A caravana dos esquecidos, demarcada pelo território do asilo, da calçada, leva pratos vazios, tem as memórias feridas, cansaços crônicos. Os esquecidos não vão à parte alguma; são atores principais e extras do colapso social. Sem entusiasmo em cada novo dia, repetem incuráveis doenças de fome. Alguns, mais resistentes adiam e aguardam o extermínio. Muitos deles não se reconhecem, por haverem perdido demasiados pedaços, dentre eles, a alma, em algum instante de pânico, em alguma perseguição, em alguma fuga do fogo ateadado às suas vestes pelos genocidas construtores dos embargos, dos muros e das guerras.



OS IMIGRANTES

Os imigrantes precisam expandir rapidamente: a compreensão das leis que regem as relações entre os humanos de cada local; aprender a ler o mundo alheio

às suas aldeias.

Entender que não existem anjos na terra; que somos falíveis, que o poder, a fama e o dinheiro são coisas muito perigosas; que é difícil fugir às tentações materiais; que o erro é companheiro do ser humano desde a sua aparição na terra; que a tentação instiga o erro; e que a euforia envolvente entrega-os sem avaliar as perdas.



TANTOS

Tantos de fomes imateriais vítimas e tantos que a gula, matéria bruta desperdiça. Entre pretextos, praticam seus costumes entre graças e desgraças.

DECLARAÇÃO

Vestígios líquidos guardavam sua silenciosa presença saturada de desejos, colorindo o destino do corpo insistente pingando o mel dos doces figos. Viajando na carne suplicando respostas, vasculhando a periferia até encontrar o caminho repleto de alimento.



SAÍDOS DAS GUERRAS

Saídos das guerras com as almas demolidas, os corpos fatigados, plantadas as sepulturas, os prantos se constituíram em movimentos involuntários, eram o único meio de passar do desespero à esperança, continuar esse ofício de sobreviver, de dar-se hospitalidade.

CICLO

Sempre o rigoroso ciclo que acaba na morte ronda alguns para levá-los antes. Como pirata, invade os corpos para adoecer-lhes sem aviso e sem consentimento, sem tempo de amadurecer, como colheita antecipada pelo memoricídio, pelo exílio forçado.



CAUSA DANO

Convalescendo dos sonhos perdidos, os excluídos pedem o comparecimento de algum consolo que lhes torne mais efetiva a existência. O exílio causa dano à perseverança.

FALSA

O que mais careço agora é de alegria. Não surtiu o efeito esperado medir o mal por medidas não exatas. A memória de esqueceu de lembrar da dor, falsificada, faltou-me quando eu mais precisava dela.



MEMORICÍDIO

Ninguém é impune ao memoricídio. (homenagem ao palestino Eward Said)

ISOLADOS

Isolados, não conhecem lágrimas suaves, conhecem lágrimas furtivas, equivocadas, defeituosas, repetitivas, insistentes, viciadas, separadas dos risos, exuberantes, que descem e que encolhem, compulsivas e repulsivas, lágrimas do começo e do fim, lágrimas por si mesmos e pelo próximo.



ESPIRITUALIDADE

Professar a espiritualidade vai muito mais além de aderir a uma religião.



SEM RESPOSTAS

A humanidade não tem respostas globais para seus problemas.

AFETOS FAMILIARES

Tendo suas vidas fundadas na cooperação, multidões de afetos familiares abandonados esperam por alimentos que lhes mitigue uma intensa fome de humanidade. Não há regulamento que preveja as injustiças, intermináveis em seu propósito de promover a dor. Na medida do possível, elas são alimentadas para que não deixem de existir, pois dela muitos vivem, muitos se alimentam. Reinventam leituras, supondo novas, constroem enredos, alinhavos e ordenam as palavras com a paixão de protagonista, definem os sentires ali postos como seus, não há disfarce, entram na pele, vestem suas dores, seus impossíveis, seus sonhos amorosos, seu passado e futuro. Carregam e cuidam dos seus exílios, das migrações, dos acasos e das repetições, dos fardos, das fomes, da vida e da morte.

SER SUFICIENTE

Ser suficiente para responder por alguma reparação. Cobrir o erro com a sagrada verdade, defendendo o perdão, lutar contra o medo, a culpa que ruboriza, a humilhação que desumaniza a fragilidade, o sentimento que demoniza minhas vergonhas. Cobrir de luto eterno a capacidade de coincidir com as tentações.



EXPATRIADOS

Expatriados! quando os vejo relegados caminhando em silêncio tenho vontade de gritar: tirem as camas de cima dos seus ombros, esqueçam as chaves, dividam o peso com os seus, libertem-se dos seus destinos de excluídos, dividam as dores e um novo sentido, inventem algum lugar onde pousar, e desde onde possam voltar a ser.

O EXÍLIO

O exílio é o estado de estar longe da própria casa, ou de si mesmo. Aprendizes ao deixar, enrolados na omissão imposta, proposital, cheios de vazios, o coração esquecendo dos afetos até que em seus desertos privados voltassem a circular como humanos esquecidos das fúrias. Pelo desterro, solidão, deportação, expulsão ou confinamento. Levam a alma de viagem, carregando intermináveis despedidas. Contra todas as vantagens partem traindo as próprias vontades. Os dilemas lhes ferem a alegria, tentam recompensar a decepção. O espanto se acostuma à nostalgia, flutua em reminiscências desertas de futuros. Será ali, onde o animal desaloja enfim um menino sírio, pena que morto! chegando com as marés, será na bala assassina que revida a pedra? Em qual fardo carregam-se todas as dores?

NAVEGAÇÃO ANTIGA

Paradoxalmente um litoral do qual sabemos com toda certeza que foi muito frequentado, como nos indicam a fundação fenícia da cidade de Linux e a utilização da feitoria da ilha de Kerné, rendeu à investigação escassíssima documentação iconográfica sobre barcos e nenhuma de arqueologia náutica. As fontes literárias, tão pouco deixam margem de dúvida da importância da navegação antiga nessas águas.



REMADORES FENICIOS

Uma pintura líbio-púnica encontrada na cova funerária de Kef el-Blida nos montes Mogods seguramente reproduz esta mesma categoria de navio e nos brinda a oportunidade de conhecer o tipo de aparelhos propulsão à vela e parte da armação. Esta representação tem sem dúvida um caráter mais realista que as de Korsabad, por isso o número de tripulantes de Kef el-Blida se

deve aproximar muito aos que em realidade deviam levar estas com suas armas em atitude de render homenagem.

Provavelmente o padrão ou timoneiro é o personagem que subido na proa dirige a cerimônia. A tripulação total devia ser umas vinte pessoas acomodadas no convés.

Os fenícios inventaram o bi remo e o tri remo.



COMPROMISSOS

Aos compromissos se lhes é dado um valor menor porque as palavras comprometedoras são descarregadas de significados por aqueles que não pretendem cumprir com as regras combinadas.

COMIDA FESTIVA

A Identidade Libanesa se manifesta por elos mantidos em práticas que unem pessoas, objetos, sementes e iguarias revestindo de arte a construção artesanal do processo de um comer festivo. Exaltando as origens e sua milenar história processual de guardar a semente, plantar, regar, colher, coccionar e comer-juntos como autores-atores desta obra que une generosidade, criatividade, saudades, sabores. A experiência da culinária libanesa se constitui numa unificação de experiências dialogando o efêmero com o permanente, disfrutando a partilha do conhecimento e a riqueza das lembranças que semelhante convívio evoca.

A culinária é uma marca histórica da realidade que superpõe passado (memória), presente (inspiração) e o futuro (modelo).

A construção e os dados vertidos em receitas, narrativas, transmissões pessoais são as fontes que constituem o alimento como produto final das inspirações, horas/vida partilhadas, esforços, paciência, tolerância entre outros tantos elementos primordiais na construção artesanal do processo, como a generosidade da oferta e do prazer oferecido ao próximo. Estas são algumas das entrelinhas que vinculam o enaltecimento universal da

comida libanesa. Sua intensidade invade os sentidos, envolvidos pelos afetos cobrem as principais demandas dos humanos: amar e ser-amado, pondo-se em destaque uma conjunção de almas e corpos alimentados.

As memórias, os deslocamentos, a energia, as emoções disfrutam espalhando suas marcas históricas que fazem da comida um lugar central das celebrações, tal o valor investido nos rituais que se colocam em prática.

Isto gera sentido de pertencimento, um dos pilares da Identidade, da reciprocidade, do Amor na cultura libanesa.



AS NINFAS

As ninfas se ofendiam com os pastores manifestando seus férteis interesses. Sensuais habitaram o imaginário que vivia entre as culpas e as tentações. Perigosos guardiões de rebanhos inchados por abundantes hormônios demitiam a paz. Todos os atos se aglomeravam ordenando a natureza dedicada a uma ordenação primitiva. Vivendo uma época de corpos

fechados tentando crescer livre dos perigos exaltavam as distâncias e as críticas para proteger-se dos ladrões e do caminho dos lobos. Desencadeados urgentes desejos tentavam provar a harmonia e a simetria que lhes aproximavam de um tempo de abundâncias crescentes. O atrativo de ser visitantes das virtudes da vida se oferecendo para proporcionar extrair todas as faces do amor em sua essência.



AQUELA SOLIDÃO

Emboscados, ataques repentinos lançam horror no trajeto verde de forma a estremecer as caminhadas tornando-as mais árduas. A evolução das caçadas se apoderava dos provocadores, exorcizando bestiais comandos dispostos à flor da pele. As extravagâncias apresentadas nas desordens se dirigiam à mulheres e homens indiscriminadamente exercendo um terror sem riscos. Um desdobramento dramático foi o testemunho das crianças indefesas naquela solidão cansada de tantas mortes.

QUASE SEMPRE

Quase sempre encravadas entre as palavras, reunidas para amansar, as ternuras lutavam para manter seus privilégios. Tendo seus direitos cassados se exilaram nas suspeitas. Aflitas, envolvidas em controvérsias, lhe buscam amesquinhar o valor. Negando-se a amigar com o ódio, tratam-se com carinho a si mesmas.



QUASE SEMPRE

Amou com gestos singelos como quem se exiliou para a indiferença. Recusando-se as irregularidades que rodeiam as paisagens que tenta preservar. Concebeu um lugar onde prevaleça a soberana conciliação que trata os atritos como evitáveis. Desejou uma permissão para escalar empolgado momentos mais propícios para a amizade. Ainda acreditava em bons motivos para regular o tempo e o espaço, expulsar os famintos por almas esvaziadas devoradas, feitas caos, porosas,

atrofiadas.

Amou como protagonista, docemente comunicou sua presença. Frequentou as partes da natureza convencendo aos humanos que jogassem longe de si as rivalidades, as competições, as diferenças sociais e raciais. Meu pai acumulou e distribuiu a avidez de amar.



A PAZ

Todo ser humano leva consigo uma cultura, um histórico, células milenares transmitidas de geração em geração. Perto ou longe do seu lar, os humanos são protagonistas, garantem a memória de que a paz manteve a vida da espécie. Cada um é ser único, por herança é um grupo.

QUEM

Quem escala precipícios, cultiva falésias, restaura desfiladeiros, planta desertos, assopra as brasas, entra em grutas, penetra nas entranhas do vulcão, navega nas sombras das florestas e mergulha em fontes, caminha nas geleiras, tenta descobrir a Natureza em meio a obstinados. Sonhos e livros aproximam.



AINDA HOJE

Ainda hoje me faz falta repensar os medos tidos em vão, falando mais alto que as minhas defesas, faltando ao respeito com os meus limites. Exposto a perder pais, a chave da casa, irmãos, infância e minhas origens. Abafado no silêncio da noite que não dispensava pesadelos, olhares graves, notas escolares sofríveis, excesso de peso auxiliando menosprezos, indícios de intromissão alheia, de barcos e velas desgovernados implorando por portos seguros, e alguém que ali inventasse uma espera.

ADORMECIDO

Adormecido diante da paz que me serena, sequestro do tempo a pressa, empresto o silêncio à multidão, extraio o ódio dos rancores, desvio a bala perdida, protejo a ferida, ofereço as provas extraídas da terra fértil, o suco pelas abelhas extraído das flores, o sonho que ainda está por vir.



A PARTILHA

A partilha, uma das filhas da sabedoria nos faz saber que os que não obtem parte das situações afortunadas, tampouco são amigos fieis na desgraça.

OS ANONIMATOS INDOLORES

Perduram os anonimatos adaptados aos sentires imateriais. Novos motivos aportariam mudanças, intervindo na ignorância daqueles escravos dos bens materiais. Os humanos suportam a alienação porque esta chega sem dor.



PERDI A VONTADE

Perdi a vontade de procurar pela minha cidadania, escondida em paisagens omitidas, minhas raízes competem com a atrofia. Eu sou meu idioma, eu filho de emigrantes, eu refugiado.

A HONESTIDADE

A honestidade é a posta em prática dos Valores, a visão é uma versão do ideal, o sonho é uma forma de pensar dormindo sobre o mundo.



NEGO

Nego por ingenuidade que as tempestades possam derrubar os futuros de muitos, imagino que os que me cercam estão avisados das catástrofes. Guardo fundo, muito dentro de mim, o singular do que assisto até se transformar em história.

LIBANESES E ALIMENTOS

Os libaneses, em geral disfrutam plenamente a arte da culinária mas não imaginam a extensão cultural existente nas suas entrelinhas. Os diálogos poderão criar fome de conhecimento.



DESCONCERTO

Nos tempos dos peregrinos, combateremos às pressas, não deixaremos os ventos estufarem as velas tumultuando as rotas, o silêncio das vítimas deveu-se ao desconcerto da ignorância e da omissão construídas.

MEUS PASSOS

Meus passos testemunham um chão com fronteiras. Meu olhar se desentende com a decadência dos muros, existe uma força no meio, entre mim e o ar. O sábio tempo amolece a pedra mal-intencionada, professora de desapego e da desconfiança.



ARTE E AGRICULTURA

Em Golbectec, Turquia foram encontrados em escavações de 15 m. de profundidade, blocos de pedra talhadas com figuras de animais.

Na história da arte encontram-se pinturas rupestres de até 30.000 anos. A história da IMAGEM segue seu caminho indo até a escultura. Aquela seria uma sociedade de culto, onde calcula-se que para a alimentação haviam pessoas que se deslocavam, eram os caçadores só para alimentar as pessoas. Supõe-se que a AGRICULTURA é a pedra fundamental da modernidade e que começou ali. Dos dados arqueológicos descobertos, este é o sítio mais antigo.

As pedras referidas acima para serem transportadas até o cume de um monte onde foram encontradas necessitariam cada uma delas de aproximadamente 500 pessoas. Para alimentar toda esta população foi plantado trigo, ali encontraram sementes de trigo. Há evidências de que o trigo que temos hoje, extraído seu DNA e comparados em sua composição genética a outros trigos selvagens coincidem.

Ali naquelas montanhas, a 30 km. de Golbectec, o trigo era usado para alimentar as pessoas que transportaram as pedras e criaram as imagens nelas.



O FRIO DOS IMIGRANTES

A brisa marinha que lhes arrasta por lá e aqui põe a prova todas as virtudes e todos os vícios, uns tendo memórias na comida, outro nas companhias perdidas, outros pela ternura levada, outros pela poesia e a terra dos cedros. Todas as noites se deitam com os odores, as paisagens, os cantos e despertam com o frio dos emigrantes.

TALVEZ

Uma espécie de comoção acentuou em mim a vontade de contar. Emprestar minhas palavras para que o tanto que vi e ouvi não caia no esquecimento. Pronunciar as evasões, os ocultamentos, os segredos, dizer que há cúmplices do silêncio, falar sem aceitar atenuantes, contar as particularidades da vida minha, dos outros, murmurar no papel, conduzir a presença das palavras, pôr letra na música alheia, saber que há pessoas que me procuram para serem conduzidas à presença da vista de quem desvia o interesse ou pouco se importa com o encaminhamento. Feito leitores, emprestam seus olhos passageiros executando uma curiosidade que faz companhia ligeira, sem envolvimento.

Provavelmente me refúgio no conjunto que escrevo, ali parto numa aventura sem fim, tantas as coisas por dizer. Talvez por curiosidade permeio essas histórias que se me cruzam e nunca saem de perto, dando voltas ao redor de mim.

UM SOL DE FOGO

Um sol de fogo, cruel, incandescente lançava queimaduras estreitando as distancias entre nós, etiquetando sua marca, exibindo originalidades. Tanto na montanha de pedra como nos mares nem sempre calmos, o sol de fogo, constante companhia se fartava ora atracando-se com fúria, ora acariciando as peles obedientes e tímidas ao ver como ele se atira.



A SAUDADE

A saudade subiu nas naves, imensa e bruta derrubou a tranquilidade, cercados de mares, seus arredores peregrinavam entre a terra deixada e a terra procurada. Cruzando o mar em busca de paraísos a memória rivalizava com a
necessidade de navegar.

A MEMÓRIA

Às vezes a memória trai; torna capaz o esquecimento.
Guarda o segredo e deixa-o sair da memória.
Esquematiza a circulação.



ESPERANÇAS

As esperanças esperam boas colheitas e que as alegrias
lhes façam boa companhia.



DANO

Qualquer dano ao ser humano faz mal à humanidade.

HALO

Um halo que esfuma as linhas de contorno despede a nitidez diminuindo e desalinhando formas marítimas. É nesse meio que se balançam os barcos, com impulsos primitivos giram impulsos semelhantes até esgotar suas energias.



NO CÉU

Com a vista no céu percorrem os astros, com os pés no convés singram todos os mares, desérticos de companhias, olhando de o topo dos mastros ver a graça das terras firmes validando a coragem, a inteligência e a linhagem que homenageia e valida o esforço dos seus antepassados.

BARCOS FENÍCIOS

Os mares assistiam perplexos os barcos fenícios indagando-se: “Quem são esses formidáveis que tanto podem? Suas origens, influência e valimento? Que força moral, física? Que certeza, robustez, suporte, tenacidade.” Confirmando-se mercadores firmaram e valorizaram os descobrimentos geográficos, a esteira das rotas marítimas, a sinuosidade das formas até parir as letras.



OS FARDOS

Levantar os fardos, poupar água e trigo, manter recluso o vinho, o azeite, o ferro, o chumbo, a púrpura. Os peixes produziam leve tremura na água avisando suas presenças, deixavam soberbos estrados iluminados pela prata da lua domando as ondas, reciprocamente, os olhos dos marinheiros planavam sobre as águas até encontrar o alimento planejado.

CLIMAS

Aguaceiros glaciais, tempestades tropicais, chuvas de verão, ciclones. Sufocados no calor, o frio cortante como faca, o zelo despencando no desmanche da rota, do entusiasmo, do destempero do tempo. Se os seus feitos não se agarrassem a causas tão nobres, teriam desistido, no limite das rupturas parte em fuga a paixão, desordena-se a dedicação, desalinha-se a esperança.



Roberto Curi Hallal

